



Temas Abordados: Campanha Mundial “Construindo Cidades Resilientes, Plataforma Global para a Redução do Risco de Desastres – Sendai e a sua integração com Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, Acordo de Paris, Habitat III e a Cúpula Humanitária para a resiliência a desastres.

PUBLICAÇÃO: 04/12/2020



Projeto Encontros Comunitários Virtuais

O Instituto Científico e Tecnológico de Defesa Civil da SEDEC RJ em parceria com Projeto Segurança Humana do MPRJ e a ONG Save The Children estão participando da campanha CEMADEN Nacional# Aprender para prevenir 2020.

Este ano apresentamos o vídeo do projeto Encontros Comunitários Virtuais que foi desenvolvido durante o período crítico da pandemia da COVID-19 com o objetivo de apoiar e dar visibilidade às iniciativas das comunidades da Rocinha, no município do Rio de Janeiro, Vale do Cuiabá, em Petrópolis, Morro do Preventório, em Niterói e Aldeia Velha em Silva Jardim, todos municípios do Estado do Rio de Janeiro.

Ao todo foram realizados 17 Encontros por meio da plataforma Zoom com 328 participações, o que culminaram em diversas ações, como fortalecimento das redes locais, viabilização de informações sobre a prevenção da COVID- 19, através de cartilhas e lives, e encaminhamento dos principais problemas aos órgãos competentes.

FONTE: <https://www.youtube.com/watch?v=XXn6WxNW4Ck&feature=youtu.be>



Breve COVID-19 da UNDRR Ásia-Pacífico: Proteção social em resposta a desastres

Este resumo explora como os países da região estão alavancando os sistemas de proteção social em relação à pandemia do coronavírus 2019 (COVID-19), destacando os desafios e sucessos até o momento. O relatório também chama a atenção para as lições da região, incluindo como garantir que os sistemas de proteção social estejam em vigor antes que ocorra um choque. Ele também explora opções de financiamento para expandir a cobertura de proteção social, especialmente para ajudar a reduzir a vulnerabilidade relacionada a desastres.

O resumo recomenda a seguinte orientação política (p. 5-8):

1. Investir na proteção social antes de um desastre;
2. Promover a proteção social universal;
3. Integrar a cobertura universal de saúde e a proteção social;
4. Adotar uma abordagem baseada nos direitos humanos para a proteção social;
5. Fortalecer a digitalização para melhorar a inclusão;
6. Adote abordagens intersetoriais para reduzir vulnerabilidades e reduzir exclusões;
7. Adote modalidades flexíveis de prestação de assistência.

FONTE: <https://www.preventionweb.net/publications/view/72761>

THE CONVERSATION

Como fazer com que as pessoas cumpram as medidas de saúde pública COVID-19

Por Ben Young e Katie Robb

O governo do Reino Unido foi acusado de alimentar o medo do COVID-19 e de usar gráficos “assustadores” para impor restrições públicas ao controle da pandemia. Existem muitos paralelos entre o COVID-19 e o câncer: ambos evocam medo, são vistos como assassinos indiscriminados e geraram respostas de saúde pública em larga escala.

Para qualquer medida de saúde pública, pode haver custos para a saúde, a sociedade e a economia. Também pode haver custos de oportunidade - o benefício potencial que é perdido ao escolher uma alternativa em vez de outra. As perguntas são cada vez mais feitas aos políticos por médicos, especialistas em saúde pública, defensores da saúde mental e proprietários de negócios sobre os “custos” das medidas preventivas do COVID-19. Por exemplo, especialistas em saúde pública do Reino Unido alertaram que o piloto de testes em massa de Liverpool, parte da Operação Moonshot, poderia fazer mais mal do que bem .

No rastreio do cancro, a maioria das pessoas não sabe que é mais provável que sejam prejudicadas pelo rastreio do que beneficiem dele. De cada 1.000 mulheres rastreadas para câncer de mama, cinco terão suas vidas salvas, mas 17 receberão tratamento desnecessário para câncer que não teria causado nenhum problema. Há boas evidências, entretanto, de que o programa de rastreamento do câncer de mama produz mais benefícios do que prejuízos, por causa das vidas que salva.

Apesar da probabilidade de danos, o entusiasmo do público pelo rastreamento do câncer é extremamente alto e há campanhas públicas frequentes para expandir o rastreamento. Isso é repetido em pesquisas que mostram forte apoio a medidas COVID-19 mais abrangentes e restritivas. Isso corre o risco de criar um ambiente onde as políticas podem ser orientadas por política e opinião, em vez de evidências.

O teste em massa de pessoas assintomáticas para COVID-19 envolve muitas incógnitas, incluindo desempenho do teste, consequências intencionais e não intencionais e mudança de comportamento. Os programas de rastreamento do câncer devem ter evidências de alta qualidade de que os benefícios superam os danos, revisados no Reino Unido pelo Comitê Nacional de Rastreio independente. Quando bloqueios abrangentes são submetidos a critérios e escrutínio semelhantes aos de outras medidas de saúde pública, alguns especialistas julgam que os custos superam os benefícios.

Medo de controlar o comportamento

O medo é um poderoso impulsor do nosso comportamento. Em uma pesquisa no Reino Unido, quase 60% das pessoas disseram ter mais medo do câncer do que de qualquer outra doença. Crucialmente, a relação entre medo e comportamento não é direta. Uma combinação complexa de crenças sobre o câncer pode levar à adesão ou evitação em resposta ao medo.

Nossas percepções sobre a ameaça do COVID-19 e quão bem nos sentimos capazes de lidar com as restrições em curso são diferentes agora de quando o vírus se espalhou pela primeira vez. O uso de cenários de pior caso para provocar medo e aceitação de bloqueios foi, sem dúvida, eficaz na época, mas está sendo questionado agora.

Cientistas do comportamento aconselharam Sage - um grupo de especialistas que fornece aconselhamento científico e técnico ao governo do Reino Unido durante emergências - que as pessoas devem ser tratadas como "atores racionais, capazes de tomar decisões por si mesmas e gerenciar riscos pessoais". Isso é consistente com a autonomia conferida às pessoas no rastreamento do câncer, onde a escolha informada tem prioridade sobre a coerção. A aceitação e absorção de uma vacina COVID-19 exigirão mensagens de saúde claras que abordem questões de segurança e saúde para apoiar a escolha informada.

Apenas 51% das pessoas em uma pesquisa recente na Inglaterra disseram que entendem as regras de bloqueio. A comunicação de informações complexas é um desafio, mas

podemos nos basear no progresso feito no rastreamento do câncer. Isso atendeu à necessidade de desenvolver informações claras e concisas sobre o rastreamento do câncer que possam ser facilmente compreendidas, abordando as barreiras conhecidas e superando os problemas de alfabetização em saúde.

Falsa garantia

Entre outros danos mais óbvios, o rastreamento do câncer pode promover uma falsa garantia de saúde. Nos Estados Unidos, onde o rastreamento do câncer de pulmão é recomendado para fumantes de alto risco, os pacientes rastreados que receberam resultados de teste negativos relataram que se sentem menos preocupados em tentar parar de fumar. Isso pode, paradoxalmente, aumentar o risco de desenvolver a condição que o teste visa detectar.

O teste em massa de pessoas assintomáticas para COVID-19 irá gerar um grande número de testes negativos e pode promover falsa segurança, tornando as pessoas menos propensas a observar medidas de distanciamento social. A capacidade do teste de detectar casos positivos, conhecida como “sensibilidade”, significa que as pessoas com resultados negativos devem entender que podem ter COVID-19 e podem obtê-lo a qualquer momento no futuro.

A adesão ao auto-isolamento foi muito baixa para contatos próximos de pessoas infectadas e, portanto, o governo está reduzindo o período de isolamento de 14 para dez dias. Facilitar a adesão das pessoas às medidas de saúde tem se mostrado muito eficaz no rastreamento do câncer. Tem havido uma maior aceitação da triagem intestinal usando novos kits de amostra de fezes que são mais fáceis de preencher.

Novos planos podem permitir que os contatos evitem o isolamento caso tenham testes negativos diários por uma semana. No entanto, existe uma lacuna bem estabelecida entre as intenções e o comportamento. A pesquisa de rastreamento do câncer está abordando essa lacuna por meio de ajuda prática baseada em teoria e apoio com planejamento e superação de barreiras.

Uma abordagem semelhante com as políticas COVID-19 pode melhorar a adesão. As evidências do rastreamento do câncer sugerem que é provável que isso beneficie mais aqueles que são desproporcionalmente afetados pelas medidas, como aqueles que são mais carenciados.

É essencial que as decisões de política de resposta à pandemia envolvam uma consideração dos benefícios e danos, fatores comportamentais e comunicação eficaz. Isso pode permitir a adesão informada, em vez de motivada pelo medo, a medidas preventivas. Enquanto a atividade de rastreamento do câncer se recupera do impacto da pandemia, podemos nos beneficiar do corpo substancial de pesquisas que ela oferece.

FONTE: <https://theconversation.com/how-to-get-people-to-comply-with-covid-19-public-health-measures-lessons-from-cancer-screening-149839>



O setor humanitário está afetando os idosos em emergências, constatou o relatório

Por ***Rumbi Chakamba*** // 26 de novembro de 2020

GABORONE, Botswana - Em 2013, William Maeok, de 58 anos, mudou-se com a família para um local de Proteção de Civis em Juba, Sudão do Sul, para escapar do conflito no país. Mas quando vai buscar ajuda alimentar do Programa Mundial de Alimentos, ele enfrenta um problema: grandes multidões de jovens acotovelando-se para entrar nos pontos de distribuição significam que ele tem dificuldade para ter acesso.

“Como sou uma pessoa mais velha, não tenho energia para competir com eles, mas não tenho escolha. Às vezes, acabo passando o dia inteiro esperando a comida e não tem ninguém para nos ajudar, como idosos, a buscar a comida”, disse.

Um novo relatório das agências humanitárias Age International e HelpAge International descobriu que o mundo humanitário está falhando com pessoas mais velhas como Maeok por não priorizá-las em situações de emergência. Os pesquisadores dizem que os desafios que os idosos enfrentam foram agravados pelo COVID-19 e estão pedindo ao setor que aja agora para mudar a situação.

“A situação só está piorando com o COVID-19, mas também piorou por muito tempo.”
- Verity McGivern, consultora de defesa humanitária, HelpAge International

Simplesmente não é uma prioridade

Atualmente, 12,3% da população que vive em países frágeis tem 50 anos ou mais, e esse número deve aumentar para 19,2% até 2050, de acordo com o relatório. Apesar disso, as entrevistas com cerca de 9.000 idosos afetados por crises humanitárias em 11 países para o relatório sugeriram que eles simplesmente não são priorizados.

O relatório descobriu que 20% dos idosos em situações de emergência não tinham acesso a abrigo e 35% não tinham acesso a um banheiro. Em um comunicado à imprensa, Sisay Seyoum, diretor nacional da HelpAge na Etiópia, explicou que os idosos muitas vezes não são considerados ao alocar recursos em emergências.

“Os idosos têm problemas de mobilidade, muitos não conseguem ver ou ouvir. Por isso, eles não têm acesso a informações sobre qual assistência humanitária está disponível e têm que depender de terceiros para obter essas informações”, afirmou.



Fonte: HelpAge International

Ele acrescentou que muitos sofrem de desnutrição grave, mas não têm acesso a programas de nutrição e que a ajuda alimentar às vezes é inadequada para suas necessidades.

“Por exemplo, muitos idosos têm poucos dentes, ou nenhum, e a mastigação é difícil. Trigo e milho são muito mais difíceis de comer do que sorgo ou arroz”, disse ele.

Verity McGivern, consultora de defesa humanitária da HelpAge International e coautora do relatório, disse que ajudar os idosos é frequentemente visto como um problema para as agências especializadas lidar com e não algo que as agências convencionais precisam pensar.

“As pessoas mais velhas também são normalmente negligenciadas em favor de grupos maiores e mais visíveis em emergências. Em muitas partes do mundo onde as emergências são comuns, os idosos ainda representam uma proporção pequena, embora crescente da população ”, disse ela. “Eles também podem ser menos visíveis nas comunidades porque têm deficiências; eles podem achar mais difícil sair. ”

Peter Deng, chefe dos programas de proteção do Consórcio Humanitário e de Desenvolvimento no Sudão do Sul, concordou que o setor humanitário no país normalmente não prioriza os idosos, sem assistência especializada disponível e financiamento limitado para projetos de apoio.

“Há alguns anos, uma das ONGs que trabalhavam no país abordou uma agência da ONU pedindo financiamento para apoiar os idosos e foi-lhes dito com toda a franqueza que o financiamento para os idosos não é uma prioridade neste momento”, disse ele.

Deng acrescentou que o aumento dos níveis de pobreza entre pessoas de todas as idades levou a “uma luta pela sobrevivência”, o que prejudica ainda mais os idosos.

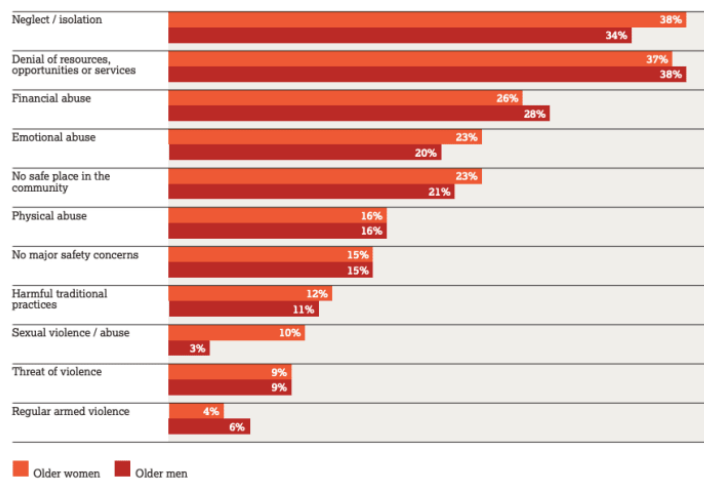
“Já vi, às vezes, quando distribuimos ajuda aos deslocados internos, aqueles que são mais jovens e mais fortes não têm a compaixão de garantir que os idosos sejam atendidos primeiro por causa de seu nível de vulnerabilidade”, disse ele.

“É como se o mundo tivesse esquecido nossos idosos”, disse Deng. “Mesmo eles próprios não se priorizam, dizem 'deixe os mais jovens se beneficiarem.'”

McGivern acrescentou que devido aos enormes desafios enfrentados pelo setor humanitário, incluindo necessidades crescentes e recursos em declínio, “muitas organizações meio que recorrem a programas 'tamanho único' que podem ser entregues em escala”.

“Mas o que eles não podem fazer é realmente dar a atenção necessária aos riscos específicos que enfrentam as pessoas marginalizadas ou em situações de extrema vulnerabilidade em diferentes fases da vida, incluindo pessoas mais velhas”, disse ela.

Figure 2: Main safety risks



Fonte: HelpAge International

Muitas suposições e dados insuficientes

Além da falta de inclusão, o relatório constatou que os trabalhadores humanitários muitas vezes confiam em suposições infundadas sobre os idosos devido à falta de dados e feedback. Por exemplo, eles podem presumir que os idosos vivem com suas famílias e recebem apoio deles, embora 1 em cada 5 idosos entrevistados para o relatório vivam sozinhos. Eles também podem presumir que não têm responsabilidades de cuidar, embora 63% dos entrevistados estivessem cuidando de pelo menos uma criança e 44% estivessem cuidando de outra pessoa mais velha.

McGivern explicou que a coleta e análise de dados desagregados por idade muitas vezes não acontece. Dos planos de resposta humanitária nos 11 países cobertos pelo relatório, apenas três incluíram dados desagregados por idade.

“Os idosos não estão sendo consultados; ninguém está falando com eles, o que leva à falta de informação e a uma lacuna de compreensão, e todos os trabalhadores

humanitários têm que seguir em frente com suposições sobre as pessoas mais velhas que muitas vezes são falsas”, disse ela.

Embora o relatório se baseie em avaliações de necessidades realizadas em 2019, as ONGs alertaram que a pandemia de COVID-19 impulsionou o problema para um novo nível.

Dados adicionais coletados pela Help Age International descobriram que, por causa da pandemia, 42% das pessoas mais velhas reduziram a quantidade de alimentos que comem, enquanto 37% têm dificuldade de acessar os serviços de saúde.

McGivern observou que COVID-19 é uma camada extra no topo das barreiras estruturais e sistêmicas de longa data que os idosos enfrentam e apresenta um risco específico e significativo para os idosos em termos de saúde, bem como efeitos secundários, como o acesso a alimentação e serviços.

Ela disse que há uma necessidade urgente de atores humanitários e doadores começarem a integrar os idosos em seu trabalho, fortalecer a coleta e análise de dados e consultar os idosos.

“A situação só está piorando com o COVID-19, mas também piorou por muito tempo”, disse ela.

Maeok concordou, dizendo que a situação para ele e outros idosos que vivem em locais de Proteção de Civis no Sudão do Sul é atualmente muito sombria.

“Não temos dinheiro, estamos desamparados e não há nenhuma agência que venha nos apoiar como idosos”, disse ele.

FONTE: https://www.devex.com/news/humanitarian-sector-failing-older-people-in-emergencies-report-finds-98639?access_key=&utm_source=newsletter&utm_medium=newswire&utm_campaign=top&utm_content=title&mkt_tok=eyJpIjoiWTJWa1I6ZGtNRFEzTmFkbSIsInQiOiJhYzZ6ZWVqNnBzQzRVVUdob1QrZ2k2d3NoMzRXbTNTTmRaNEEweGxBdVRBaG5MUmNHblhxUlBRYnVQMFRqWDhGVXliOE4wSEw5WUNtMIE3VW5FYnpuz3F0aiVndXpRZ2YydTM0OHpLQ3RRcGV6YzF1ck1lcGxQc2dIS1RkWXQ2Sij9

Projeto da cidade para saúde e resiliência em climas quentes e secos

A **saúde das pessoas que vivem nas cidades é afetada por** elementos do **projeto urbano**, incluindo densidade, distribuição do uso do solo, projeto de construção, infraestrutura de transporte, espaços verdes, oportunidades de interação social e acessibilidade ao trabalho, educação, alimentação saudável e cultura.

Vários desses elementos representam desafios específicos ao **projetar cidades saudáveis** em regiões quentes e secas como o Oriente Médio, onde o clima pode restringir o transporte ativo, a atividade física recreativa ao ar livre e a socialização ao ar livre. Estudos sobre o impacto do desenho urbano na saúde em regiões áridas são escassos, com a maioria das pesquisas no norte global. Uma abordagem climática e culturalmente sensível pode, no entanto, informar a adaptação de evidências de climas temperados para climas quentes e secos

Encontre aqui as **principais recomendações** do relatório:

- Projeto urbano sensível ao clima: crie cidades compactas com espaços públicos sombreados, usando árvores e sombreamento artificial
- Conectividade e acessibilidade: enfatizar o transporte público com refrigeração passiva nas estações e refrigeração nos ônibus, bondes e trens; faixas de pedestres e ciclovias sombreadas e seguras, proporcionando acesso ao trabalho, lazer e serviços; eficiência e eletrificação de veículos, carregados por energia solar
- Edifícios sensíveis ao clima: design para conforto térmico interno, ar fresco e luz do dia e aquecimento solar bem controlados
- Redefina o espaço aberto: use a arquitetura inovadora da paisagem árida para economizar água e promover a saúde em parques e espaços públicos
- Desenho urbano sensível à cultura: as estratégias devem ser sensíveis às normas sociais e culturais
- Resiliência e adaptação às mudanças climáticas: projete cidades, edifícios e transportes que mantenham suas funções em um clima em mudança

FONTE: <https://www.bmj.com/content/371/bmj.m3000>



Resumo da política: Idosos em situações de emergência

Este resumo de política aborda os compromissos 1, 2, 4 e 7, 8, 10 da **Estratégia de Implementação Regional do Plano de Ação Internacional de Madri sobre o Envelhecimento** ; Objetivos 1 e 3 da Declaração Ministerial de Lisboa de 2017 e ODS 1,2,3, 5 e 10 da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável.

A pandemia COVID-19 destacou a **vulnerabilidade dos idosos** que carregam o fardo de doenças graves e mortalidade, bem como da solidão aguda e do isolamento. Em setembro de 2020, quase 9 em cada 10 mortes relacionadas ao COVID-19 relatadas na região da UNECE ocorreram entre adultos com 65 anos ou mais. **Os planos de redução do risco de desastres e preparação devem ser “amigáveis e inclusivos para os idosos”** para prevenir e mitigar as implicações potencialmente devastadoras das crises de emergência entre eles.

Encontre aqui algumas das **estratégias sugeridas** para garantir que as necessidades dos idosos sejam atendidas dentro de estruturas de preparação, redução de risco de desastres, resposta a emergências e recuperação:

- Envolver os idosos no desenvolvimento de planos de preparação e estratégias de redução de risco de desastres;
- Considerar os idosos com destaque nos mecanismos e operações de proteção civil nacional e regional;
- Atender às necessidades e direitos dos idosos nos esforços de socorro;
- Oferecer apoio financeiro e medidas de proteção social ampliadas para proteger os idosos do estresse social e econômico resultante de crises de emergência;
- Desenvolver estratégias e ações de recuperação que visem “reconstruir melhor”, contemplando medidas específicas para a reinserção do idoso nos circuitos normais da vida social e econômica;
- Promover a coleta, análise e divulgação de dados desagregados por idade, para informar as estratégias de preparação, socorro e recuperação para emergências.

FONTE: http://www.unece.org/fileadmin/DAM/pau/age/Policy_briefs/ECE_WG1_36_PB25.pdf



Relatório 35 - Como podemos manter abertas as escolas e universidades? Diferenciando fechamentos por setor econômico para otimizar a atividade social e econômica, ao mesmo tempo que contém a transmissão de SARS-CoV-2

Este artigo apresenta o **possível trade-off entre o setor de educação e outros setores econômicos no controle da transmissão do SARSCoV-2**. Um modelo dinâmico de transmissão SARS-CoV-2 é integrado a um modelo econômico de 63 setores refletindo a heterogeneidade setorial na transmissão e a interdependência econômica entre os setores.

O documento **identifica estratégias de controle que otimizam a produção econômica, mantendo escolas e universidades operacionais** e restringindo infecções de modo que a capacidade do hospital de emergência não seja excedida. O modelo estima um ganho econômico entre £ 163 bilhões e £ 205 bilhões para o Reino Unido, em comparação com um bloqueio geral de atividades não essenciais ao longo de seis meses, dependendo da capacidade do hospital. Os setores identificados como potenciais prioritários para o fechamento são intensivos em contato e / ou menos produtivos economicamente.

Para fazer isso, os autores projetam PIB, incidência total de doenças e ocupação hospitalar para cinco cenários:

- **Cenário A (PIB máx.)** : Maximiza o PIB sujeito a cinco restrições epidemiológicas e econômicas; como qualquer outro setor, a educação pode ser fechada total ou parcialmente;
- **Cenário B (educação aberta)** : otimiza o PIB sujeito às cinco restrições; o setor de educação permanece operacional em 80% ou mais da produção pré-pandemia (menos de 100% para contabilizar NPIs, como ensino online em universidades);
- **Cenário LDA (bloqueio)** : impõe bloqueios de todas as atividades não essenciais em todos os setores, incluindo os do setor de educação, aos níveis de produção observados durante o período inicial de bloqueio. O cenário LDA resulta nas infecções mais baixas possíveis, mas a custos econômicos elevados, e projeta limites inferiores nas infecções e no PIB;
- **Cenário LDB (bloqueio, exceto educação)** : como LDA, exceto que o setor de educação permanece operacional em ou acima de 80%;
- **Cenário FO (totalmente aberto)** : a especificação econômica que deixa todos os setores totalmente abertos por seis meses. Ele relaxa todas as restrições epidemiológicas, mas assume NPIs e mudanças voluntárias de comportamento conforme capturado por δ . O cenário FO resulta no maior PIB, mas ao custo de altas infecções e mortes; ele projeta limites superiores em infecções e PIB.

Consulte as páginas 6 a 10 para obter os **resultados** e a **discussão** . As páginas 12 a 55 contêm as **figuras** do estudo com suas descrições.

FONTE: <https://spiral.imperial.ac.uk:8443/bitstream/10044/1/83928/7/2020-11-16-COVID19-Report-35.pdf>



P&R: Construindo resiliência em todo o sistema

Por **DeveX Editor** // 25 de novembro de 2020

A urbanização tem sido por muitos anos um impulsionador principal do desenvolvimento e redução da pobreza, mas uma rápida expansão no tamanho das cidades e nas populações ameaça, se não for administrada, reverter alguns desses ganhos.

Com muitas cidades se tornando mais vulneráveis a desastres naturais, doenças infecciosas e poluição - particularmente em assentamentos informais de rápido crescimento - iniciativas como a Nova Agenda Urbana estão cada vez mais exigindo uma abordagem baseada em sistemas para resiliência urbana e gestão de risco.

Rafael Tuts, diretor da Divisão de Soluções Globais da UN-Habitat, conversou com a DeveX sobre o trabalho da organização nessa área e por que uma abordagem multissetorial, de risco e de partes interessadas é mais bem-sucedida.

“Em vez de depender exclusivamente do governo local, devemos ser inclusivos, envolvendo pessoas de assentamentos informais, empresas privadas e diferentes camadas do governo.”

- Rafael Tuts, diretor, Divisão de Soluções Globais, UN-Habitat

Esta conversa foi editada em termos de duração e clareza.

Qual é a melhor maneira de tornar a infraestrutura de habitação, transporte e comunicação mais resiliente a desastres naturais e outros desastres?

Abordamos isso no UN-Habitat olhando para vários setores, perigos e partes interessadas simultaneamente.

Em primeiro lugar, não podemos nos concentrar em apenas um setor - por exemplo, habitação, mobilidade ou água e saneamento -, mas devemos ver as cidades como sistemas urbanos em que cada elemento interage entre si. A habitação não é independente da mobilidade ou da água e saneamento.

Em segundo lugar, para maximizar o uso de recursos escassos, as cidades devem estar preparadas para riscos múltiplos e até desconhecidos. Investir na resiliência contra apenas um desafio em potencial, como um terremoto, incêndio ou inundação, pode nos deixar em dificuldades se formos atingidos por outro perigo, como vemos agora com o COVID-19.

Também exigimos uma abordagem de múltiplas partes interessadas. Cada habitante, família e empresa do setor privado tem interesse em ter sistemas urbanos resilientes. Portanto, em vez de depender apenas do governo local, devemos ser inclusivos, envolvendo pessoas de assentamentos informais, empresas privadas e diferentes níveis do governo.

Existem, é claro, diretrizes e padrões técnicos necessários para responder a situações específicas, como inundações ou incêndios. Recomendamos uma abordagem dupla.

Em primeiro lugar, devemos elevar o piso, criando um padrão mínimo de como os edifícios e a infraestrutura devem ser projetados. Isso tem implicações financeiras para os indivíduos e a sociedade, por isso recomendamos uma abordagem incremental, que se torna mais ambiciosa à medida que as pessoas veem os benefícios das melhorias.

Devemos também elevar o teto, incentivando a excelência. Algumas empresas privadas podem querer ir muito além desses padrões mínimos e demonstrar como um edifício ou elemento de infraestrutura pode resistir a certas ameaças. Isso, então, inspira outros, tornando mais fácil elevar os padrões mínimos para todos.

A coordenação disso deve ficar com o menor corpo eleito possível da cidade - normalmente uma autoridade local ou conselho municipal, mas às vezes um governo metropolitano, desde que seja eleito democraticamente.

O coordenador também deve alcançar políticos de nível inferior que representam diferentes bairros e outros atores, como o setor privado, comunidades de assentamentos informais, academia e organizações religiosas - todos que têm uma participação no bem-estar da cidade. Desta forma, há freios e contrapesos, todos estão envolvidos e há prestação de contas aos cidadãos.

Você pode fornecer alguns exemplos de planejamento urbano que tiveram sucesso na redução do risco de desastres? Que desafios comuns eles enfrentaram e por que funcionaram?

Temos trabalhado com várias cidades - incluindo Assunção no Paraguai, Maputo em Moçambique, Dakar no Senegal, Port Vila em Vanuatu, Yakutsk na Rússia e Teresina no Brasil - para adotar essa abordagem de sistema e planejamento para construção de resiliência, usando nosso Ferramenta de Perfil de Resiliência da Cidade, que pode ser calibrada e adaptada a diferentes contextos.

Essas cidades são muito diferentes, mas compartilham alguns desafios comuns, como os relacionados à mobilidade, abastecimento e gestão de água e coleta de resíduos sólidos. Eles enfrentam ameaças percebidas comuns, como mudanças climáticas e sistemas de governança fracos, enquanto a urbanização informal também é vista como uma vulnerabilidade crescente. Eles também compartilham um compromisso com soluções para todo o sistema urbano.

Para medir o sucesso desta abordagem, começamos com uma autoavaliação pelas próprias cidades, que envolve responder a inúmeras perguntas muito específicas. Juntamente com as equipes técnicas nessas cidades, nós nos aprofundamos para examinar cada área de risco potencial e sua preparação. Isso nos ajuda a criar um

painel de controle de todo o sistema e um plano de ação sobre como melhorar os vários indicadores.

Nunca há recursos suficientes para melhorar todos os sistemas de uma vez, mas mantendo este painel e verificando todos os anos para medir se os riscos de desastres em certas áreas estão diminuindo ou aumentando, podemos decidir onde precisamos investir mais. Dessa forma, o perfil de risco da cidade é mantido sob controle.

Essa abordagem também permite que as cidades se conheçam melhor, pois, para definir linhas de base e ambições, elas são forçadas a investigar novos tipos de dados e evidências.

Relatórios que saem dessas cidades sugerem que essa abordagem as ajuda a reduzir riscos e resolver problemas interconectados, gerando algo mais sustentável e durável para toda a cidade e sociedade.

Como os assentamentos informais podem se preparar melhor para desastres potenciais causados por desastres naturais?

Já em 2000, os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio identificaram a melhoria da vida dos moradores das favelas como uma meta principal, e os assentamentos informais continuam sendo uma grande área de preocupação para a ONU-Habitat e a ONU em geral.

O crescimento dos assentamentos informais é causado não apenas pela migração rural-urbana, mas também pelo crescimento natural da população e - porque eles oferecem mão de obra barata e moradia barata - pela pobreza urbana. Esses assentamentos são superlotados, têm infraestrutura básica ou quase nenhuma infraestrutura e sofrem com a falta de saneamento, água e outros serviços. Isso os torna mais vulneráveis a desastres como inundações, incêndios ou a propagação de infecções como o COVID-19.

Lidar com esses riscos exige uma mudança de atitude entre os tomadores de decisão. Os assentamentos informais podem parecer diferentes e seus habitantes podem ser menos abastados, mas ainda são bairros e devemos vê-los como parte de uma cidade multifacetada.

Devemos ver a transformação desses assentamentos como uma oportunidade de investimento ao invés de um fardo. A construção de uma infraestrutura melhor pode aumentar o valor dos terrenos onde estão e das propriedades ali construídas. Trazer um bairro para o seio de uma cidade formal cria um fluxo de recursos que pode ser reinvestido em uma infraestrutura ainda mais resiliente, que é ganha-ganha para todos.

Dakar, por exemplo, tem sido bastante progressista, introduzindo iluminação solar nas ruas em assentamentos informais para torná-los mais seguros à noite. Isso não apenas ajuda a reduzir a violência de gênero, mas permite que as pessoas façam seus negócios mais tarde à noite, mantendo a economia em movimento.

Que mensagem principal você tem para as cidades a respeito de estarem preparadas para futuros perigos naturais?

Devemos pensar em estar prontos para enfrentar qualquer choque ou estresse. COVID-19 mostrou como cidades, governos e empresas ficam despreparados quando algo totalmente inesperado acontece, mas também como isso desencadeia a criatividade. As cidades devem estar preparadas para enfrentar qualquer choque ou estresse, para que possam manter os sistemas essenciais funcionando.

Quando uma região ou sistema de uma cidade é impactado, outros devem ser capazes de intensificar, de forma que nem tudo dependa de uma fonte de abastecimento ou de um elemento do sistema. Esse é um elemento essencial da resiliência.

Com cada desastre, há também uma oportunidade relacionada à agenda climática - que qualquer recuperação ocorra de uma forma que nos ajude a cortar as emissões e reduzir a vulnerabilidade ao clima. Esses conceitos devem ser incorporados a qualquer

infraestrutura construída após um desastre. Não se trata apenas de reconstruir rapidamente, mas de reconstruir de uma forma mais duradoura e que garanta um futuro melhor para as gerações seguintes.

Visite a série [resilientfutures.devex.com](https://www.devex.com/news/sponsored/q-a-building-systemwide-resilience-98623?utm_source=newsletter&utm_medium=newswire&utm_campaign=sponsored&utm_content=text&mkt_tok=eyJpIjoiWTJWa1I6ZGtNRFEzTmplek5iSlInQjOihYzZ6ZWVqNnBzQzRVVUdob1QrZ2k2d3NoMzRXbTNTTmRaNEEweGxBdVRBaG5MUmNHblhxUIBRynVQMFRRqWDhGVXII0E4wSEw5WUNtMIE3VW5FYnpuz3F0ajVndXpRZ2YydTM0OHpLQ3RRcGV6YzF1ck1lcGxQc2diS1RkWXQ2SiI9) para obter mais cobertura sobre as maneiras práticas pelas quais as cidades podem construir resiliência e reduzir o impacto de desastres. Você pode entrar na conversa usando a hashtag #ResilientCities.

FONTE: https://www.devex.com/news/sponsored/q-a-building-systemwide-resilience-98623?utm_source=newsletter&utm_medium=newswire&utm_campaign=sponsored&utm_content=text&mkt_tok=eyJpIjoiWTJWa1I6ZGtNRFEzTmplek5iSlInQjOihYzZ6ZWVqNnBzQzRVVUdob1QrZ2k2d3NoMzRXbTNTTmRaNEEweGxBdVRBaG5MUmNHblhxUIBRynVQMFRRqWDhGVXII0E4wSEw5WUNtMIE3VW5FYnpuz3F0ajVndXpRZ2YydTM0OHpLQ3RRcGV6YzF1ck1lcGxQc2diS1RkWXQ2SiI9



Conferência Global de Gestão de Desastres Animais

Esta conferência on-line de gerenciamento de emergência é a primeira do mundo que examina as considerações para os animais e reúne os principais especialistas em emergência neste campo. Organizada pela Animal Evac New Zealand, a conferência conectará os principais pesquisadores de emergência animal e desastres com profissionais e colegas acadêmicos. O formato online oferece uma série escalonada de webinars gratuitos, online e gravados.

As apresentações interativas oferecem fusos horários convenientes para quem apresenta e assiste. Os webinars do Zoom serão usados para o evento, bem como o aplicativo EventXD para aprimorar a experiência do participante e obter feedback. Animal Evac New Zealand fez parceria com o Australian Institute for Disaster Resilience para publicar uma edição especial do Australian Journal of Emergency Management durante 2021.

Datas importantes

- Encerramento das submissões de resumos: 7 de dezembro de 2020
- Notificação de aceitação: 14 de dezembro de 2020
- Prazo para envio de trabalhos em andamento: 7 de fevereiro de 2021
- Abertura da conferência online: 15 de fevereiro de 2021
- A conferência online encerra: 25 de fevereiro de 2021
- Vídeos de apresentação lançados: 1º de abril de 2021

- Edição especial da AJEM publicada: 31 de julho de 2021

FONTE: <https://www2.eventsgd.com/event/11352/1stworldanimaldisastermanagementconference/page/726>



Fortalecimento da resiliência urbana em Marrocos: capacitação e identificação de riscos para melhor proteger as cidades e gerenciar desastres (inglês)

Este breve resumo descreve como a **construção de resiliência urbana em Marrocos**, tanto em nível local quanto nacional, ajudou a aumentar a aplicação de informações de risco em políticas públicas e planejamento de investimentos, informaram políticas e estratégias governamentais e melhorou o desempenho das agências nacionais e municipais na qualidade e rapidez de resposta à emergência.

O **projeto de assistência técnica** apresentado no briefing propõe uma adaptação de uma **metodologia de Resiliência Urbana Abrangente** ao contexto de Marrocos. Ele fornece um modelo escalável do qual mais cidades podem se beneficiar em um estágio posterior, determinando a demanda de resiliência, a capacidade de resiliência e o tipo resultante de estratégia de resiliência que pode ser desenvolvida em seu nível, dependendo de seu tamanho e do contexto. Além disso, os municípios foram apoiados por meio de treinamentos, workshops, acordos de geminação entre municípios e apoio em diagnósticos e no desenvolvimento de planos de resiliência urbana em nível macro.

Com este projeto, as cidades marroquinas - e 20.000 habitantes - agora estão mais protegidas por meio de uma melhor identificação e compreensão dos riscos de desastres, bem como um maior alerta e gerenciamento de desastres em nível nacional, local e comunitário.

FONTE: <http://documents1.worldbank.org/curated/en/673041605887567218/pdf/Strengthening-Urban-Resilience-in-Morocco-Building-Capacity-and-Identifying-Risk-to-Better-Protect-Cities-and-Manage-Disasters.pdf>

O papel das medidas de adaptação das famílias na redução da vulnerabilidade às inundações: uma abordagem de modelagem de inundação e baseada em agentes acoplados

As medidas de adaptação às inundações implementadas no nível familiar desempenham um papel importante na redução da vulnerabilidade das comunidades. O objetivo deste estudo é aprimorar as práticas de modelagem atuais da interação homem-inundação para obter novos insights para o design de políticas de gerenciamento de risco de inundação (FRM).

O artigo apresenta um modelo de inundação baseado em agente acoplado para o caso de Hamburgo, Alemanha, para explorar como o comportamento de adaptação individual é influenciado por cenários de eventos de inundação, incentivos econômicos e estratégias compartilhadas e individuais.

Os **resultados da** simulação mostram que:

- uma trajetória única de medidas de adaptação e danos por enchentes emerge de diferentes séries de eventos de enchentes.
- fornecer subsídios aumenta o número de famílias que enfrentam problemas no longo prazo.
- A rede social das famílias também tem forte influência em seu comportamento de enfrentamento.
- o documento destaca ainda o papel de medidas simples como o mobiliário adaptado, que não acarreta qualquer custo monetário, na redução da vulnerabilidade das famílias e na prevenção de milhões de euros de danos no conteúdo. Geralmente,
- modelos acoplados baseados em agentes e de inundação podem ser potencialmente usados como ferramentas de apoio à decisão para examinar o papel das medidas de adaptação familiar na gestão do risco de inundação.

Embora as descobertas do artigo sejam específicas para cada caso, a abordagem de modelagem aprimorada mostra o potencial de ser aplicada no teste de alavancas de políticas e estratégias, considerando comportamentos individuais heterogêneos.

FONTE: <https://hess.copernicus.org/articles/24/5329/2020/>



Alinhando-se com o quadro geral: pensando estrategicamente no financiamento do risco de desastres

Esta nota de orientação oferece algumas **orientações para os profissionais em cada um dos quatro princípios estratégicos para construir um programa eficaz de financiamento de risco de desastres (DRF)** .

1. **Priorizando riscos** . As iniciativas de DRF devem abordar os riscos prioritários - ou seja, os riscos que os formuladores de políticas identificaram como particularmente importantes para um determinado contexto. Embora o processo de priorização pareça diferente em cada país, os fatores típicos que são considerados incluem, por exemplo, a perda financeira associada e o sofrimento de riscos diferentes. Para iniciar o processo de priorização, uma avaliação de risco de desastre é normalmente uma primeira etapa adequada
2. **Garantindo o alinhamento** . Iniciativas de DRF bem alinhadas são projetadas de forma que não dupliquem o impacto involuntariamente. Por exemplo, o direcionamento de duas iniciativas pode não estar bem alinhado, de modo que acabam duplicando o financiamento para algumas pessoas, enquanto perdem totalmente outras. Isso pode ser causado por uma falta de planejamento, levando a ineficiências.
3. **Garantir a complementaridade** . Os instrumentos DRF também devem ser projetados para apoiar uns aos outros. Por exemplo, os instrumentos de financiamento de resposta não devem desencorajar os investimentos na redução de riscos - eles devem incentivá-los. Da mesma forma, os investimentos públicos na redução de riscos não devem fornecer uma falsa sensação de segurança - eles devem incentivar as pessoas, empresas e comunidades a se prepararem adequadamente. E, dado que muitas iniciativas usarão sistemas semelhantes - para direcionamento ou entrega, por exemplo - elas devem explorar a combinação de recursos para explorar economias de escala.
4. **Garantir integração com planejamento e políticas de longo prazo** . Normalmente, leva muito tempo para as iniciativas de DRF desenvolverem todo o seu potencial. Incluí-los no planejamento e nas políticas de longo prazo pode apoiar sua durabilidade e permitir que amadureçam a um ponto em que sejam totalmente eficazes. Além disso, o DRF pode atingir muitas áreas de política além da gestão de risco de desastres, como mudança climática, desenvolvimento agrícola, desenvolvimento econômico e redução da pobreza. Os planos de política para essas áreas devem considerar explicitamente os instrumentos de DRF onde forem relevantes, para garantir a plena utilização de seus benefícios.

Para obter mais detalhes sobre as orientações práticas, consulte as páginas 7 a 12 desta nota.

FONTE: https://static1.squarespace.com/static/5c9d3c35ab1a62515124d7e9/t/5fad1d8d0e8bbf646fe4eab3/1605180832425/Centre_GN_Paper5_11Nov+%281%29.pdf

Wiley Online Library

Uma nova estratégia de otimização de simulação para o projeto de barragem de controle de enchentes com base estocástica: Um estudo de caso da barragem de Jamishan

Este estudo apresenta uma nova abordagem de otimização de simulação estocástica para o **projeto ideal de barragem de controle de enchentes** por meio da incorporação de várias fontes de incertezas.

A abordagem de otimização MOPSO está ligada ao modelo de simulação de escoamento para determinar os tamanhos ótimos do sistema de controle de inundação da barragem, como elevação da crista da barragem, altura de controle de inundação, comprimento do vertedouro, número e largura dos pilares do vertedouro. O custo anual de implantação da barragem e a probabilidade de galgamento da barragem são utilizados como duas funções objetivo. A combinação de várias fontes de incerteza, como meteorológica, hidrológica, hidráulica e operação de barragens é considerada usando 13 casos únicos.

No geral, pode-se concluir que as variáveis estocásticas devem ser consideradas em um modelo de simulação-otimização para remover o efeito de variáveis aleatórias no projeto ótimo de uma barragem de controle de inundação. Os resultados revelam de fato que a frente de Pareto obtida depende fortemente das variáveis estocásticas utilizadas. Para resultados mais detalhados, consulte a conclusão do estudo, página 17.

FONTE: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/jfr3.12678>



Declaração global da indústria de seguros

Construindo comunidades e economias resilientes ao clima e a desastres - Como a indústria de seguros e os governos podem trabalhar juntos de forma mais eficaz:

Uma declaração conjunta que estabelece uma série de áreas-chave de ação que as seguradoras concordaram em levar adiante e recomendações para que a comunidade

multilateral mais ampla se reúna como líderes na gestão de risco global e emita uma chamada coletiva para a ação a fim de abordar proativamente as ameaças climáticas e construir resiliência social ao longo da cadeia de valor da gestão de risco de seguro: (i) identificação e análise de risco; (ii) prevenção e redução de riscos; e (iii) transferência de risco.

Esta declaração foi desenvolvida pela ClimateWise, em parceria com a Munich Climate Insurance Initiative (MCII) e a Iniciativa Financeira do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (UNEP FI), juntos representando uma proporção significativa da indústria, e apresentada pela primeira vez para discussão no Caring for Climate Fórum Empresarial na UNFCCC COP em Varsóvia, Polônia, em 19 de novembro.

FONTE: https://www.preventionweb.net/files/35658_20131120globalinsuranceindustrystat.pdf



Estado do clima em 2020

O relatório é uma síntese da ciência que informa nossa compreensão do clima na Austrália e inclui **novas informações sobre o clima da Austrália no passado, presente e futuro**. A ciência informa uma série de tomadas de decisões econômicas, ambientais e sociais por governos, indústrias e comunidades.

Este sexto relatório bienal do Estado do Clima baseia-se nas pesquisas mais recentes do clima, abrangendo observações, análises e projeções para descrever a variabilidade ano a ano e **as mudanças de longo prazo no clima da Austrália**.

Observações, reconstruções e modelagem climática pintam um quadro consistente de mudanças climáticas contínuas e de longo prazo interagindo com a variabilidade natural subjacente. Mudanças associadas no tempo e nos extremos climáticos - como calor extremo, chuvas intensas e inundações costeiras, tempo de incêndio e seca - têm um grande impacto na saúde e no bem-estar de nossas comunidades e ecossistemas. Eles afetam a vida e o sustento de todos os australianos. A Austrália precisa se planejar e se adaptar à natureza mutante do risco climático agora e nas próximas décadas. A redução das emissões globais de gases de efeito estufa resultará em menos aquecimento e menos impactos no futuro.

Encontre aqui alguns dos **pontos principais** do relatório:

- O clima da Austrália aqueceu em média $1,44 \pm 0,24$ ° C desde o início dos registros nacionais em 1910, levando a um aumento na frequência de eventos de calor extremo.

- Houve um declínio de cerca de 16 por cento nas chuvas de abril a outubro no sudoeste da Austrália desde 1970. Na mesma região, as chuvas de maio a julho tiveram a maior redução, cerca de 20 por cento desde 1970.
- No sudeste da Austrália, houve um declínio de cerca de 12% nas chuvas de abril a outubro desde o final da década de 1990.

FONTE: <https://www.csiro.au/en/Showcase/state-of-the-climate>



Relatório sobre desastres mundiais 2020

A análise apresentada no World Disasters Report 2020 mostra que nenhum dos 20 países mais vulneráveis às mudanças climáticas (de acordo com ND-GAIN) e a desastres relacionados ao clima (de acordo com INFORM) estavam entre os 20 maiores beneficiários por pessoa de financiamento de adaptação às mudanças climáticas. A Somália, a mais vulnerável, ocupa apenas a 71ª posição em desembolsos de financiamento por pessoa. Nenhum dos países com os cinco maiores desembolsos teve pontuações de vulnerabilidade altas ou muito altas. Na outra extremidade do espectro, 38 países de alta vulnerabilidade (em 60) e 5 países de vulnerabilidade muito alta (em 8) receberam menos de US \$ 1 por pessoa em financiamento para adaptação ao clima, enquanto dois (República Centro-Africana e RPDC) não receberam desembolsos em tudo. Notavelmente, nenhum dos cinco maiores destinatários são contextos frágeis.

O World Disasters Report 2020 dá **um mergulho profundo nos riscos de desastres que a mudança climática está gerando** e analisa a ação necessária para lidar com seus impactos humanos.

- **Capítulo 2**, Riscos em todos os lugares - tendências e impactos climáticos e de desastres
- **Capítulo 3**, Clima como um multiplicador de risco - tendências de vulnerabilidade e exposição
- **Capítulo 4**, Reduzindo riscos e criando resiliência - minimizando os impactos de eventos extremos potenciais e previstos
- **Capítulo 5**, Going green - fortalecendo a sustentabilidade ambiental das operações de resposta e recuperação
- **Capítulo 6**, Governança de risco de desastres inteligente em termos de clima - garantindo estruturas regulatórias inclusivas e coerentes
- **Capítulo 7**, Financiamento inteligente - obtendo o dinheiro onde é mais necessário

Ao longo de todo o processo, o Relatório sobre Desastres Mundiais 2020 insiste que ações urgentes devem ser tomadas no nível da comunidade, onde são mais necessárias. Mas todos os atores precisam ser mais espertos sobre como fazer isso. Em suas recomendações, o relatório pede que todos os atores sejam inteligentes em relação ao clima, para definir as prioridades certas e para integrar e localizar abordagens de gestão de risco de desastres e clima.

FONTE: https://media.ifrc.org/ifrc/wp-content/uploads/2020/11/20201116_WorldDisasters_Full.pdf

INFORMAÇÕES

PROMOTOR BRASIL

<http://www.unisdr.org/campaign/resilientcities/Home/viewalladvocates#page-3>

CAMPINAS RESILIENTE - OBSERVATÓRIO

<https://resiliente.campinas.sp.gov.br/observatorio>

<http://www.cidadesresilientes.net/biblioteca.html>

REDE DE CIDADES RESILIENTES DE LINGUA PORTUGUESA

<http://www.cidadesresilientes.net/>

PREVENTIONWEB

<http://www.preventionweb.net/english/>

SECRETARIA NACIONAL DE PROTEÇÃO E DEFESA CIVIL

<http://www.mi.gov.br/web/guest/cidades-resilientes>